

Povos Indígenas no Brasil

Fonte JORNAL DO COMÉRCIO

Class.: 22

Data 22/01/81

Pg.: _____

190 Piso e os indígenas

Da comitiva de artistas e sábios que acompanhavam e rodearam o ilustre Nassau na sua permanência em Pernambuco, como chefe do governo holandês em certa fase da invasão flamenga, Guilherme Piso, médico e naturalista, homem de vastos saberes, ocupou, sem dúvida o lugar de maior saliência.

É uma apreciação segura, ampla, inteligente, do trabalho, das observações e do entendimento da natureza local e das doenças reinantes das características e da terapêutica a que se recorria contra esses males, tais como os interpretava Willem Piso, que o estudioso médico, esteta e erudito pesquisador Ruy dos Santos Pereira, acaba de divulgar em excelente publicação da Universidade de Pernambuco e do Instituto Arqueológico sob o título: **PISO E A MEDICINA INDÍGENA (1980)**.

Seduzido sempre por assuntos e temas estudados por poucos autores, e os esmiuçando sempre numa ótica de profunda verticalidade, Ruy Pereira mostra-se invariavelmente um portador de novas visões e herói de surpreendentes rasgos interpretativos que tocam a essência oculta por trás dos fatos da história tradicional. Sabe valorizar as circunstâncias de toda ordem envolvidas dos fatos históricos e «situa» na atmosfera social e científica da época as personalidades estudadas. Isso o define como um verdadeiro mestre das fortes verdades e como um espírito acadêmico amadurecido nos melhores padrões da cultura médica, literária e histórica.

Causava grande admiração a Piso a extrema habilidade demonstrada pelos indígenas na cura de ferimentos de guerra, úlceras de longa cronicidade, gangrenas, envenenamentos e outros males, mediante o emprego de emplástricos de goma fresca, suco de fumo, jaborandi (pilocarpina, que foi tão usada erroneamente no Rio, durante a pandemia de 1918). Os bugres eram grandes conhecedores das selvas (a farmácia do índio) onde havia uma imensa multidão de espécies medicamentosas de que eles conheciam a ação posi-

ORLANDO PARAHYM

tiva por um milenário «saber de experiência feito».

Nos primeiros tempos da colonização o Brasil constituiu, à falta de médicos, o paraíso dos charlatães, e curandeiros. Marca de retardo cultural ainda hoje perceptível em nossa terra.

Ruy Pereira é o primeiro entre nós, a enfatizar a prioridade devida a Piso de haver relacionado a cirrose do fígado com o alcoolismo associado à má alimentação, fato comprovado por verificações necroscópicas, no que residia o supremo pioneirismo de Piso. Lembra também haver sido o médico holandês autor de valioso trabalho clínico sobre as lombrigas, que tanto afligiam os índios. Endemias que flagelavam os nativos da terra eram os vermes intestinais, as disenterias, as leishmanioses (úlceras bravas mutilantes) e, provavelmente, a malária.

Havia muitos casos de cólicas hepáticas, conjuntivites, picadas de serpentes e bichos de pé.

Encontram-se ainda no famoso livro de Piso descrições apuradas sobre oftalmias, tétano então denominado espasmo, algumas doenças mentais.

Refere-se ao escorbuto, supostamente trazida pelos africanos, e contra o qual Piso já, então, no século XVII, recomendava o suco de limão.

Piso, segundo afirma Ruy Pereira, reconhecia a superioridade da terapêutica indígena em relação à européia, aquela mais simples à base de sucos, raízes e infusões de folhas vegetais. A outra, ainda muito eivada de superstições, de crenças em influências astrológicas, e tantas outras coisas destituídas de sentido racional.

Em suma, temos em mãos um dos livros mais sérios, mais eruditos, mais valiosos sobre a personalidade científica e as observações médicas de Piso em Pernambuco no Século XVII.